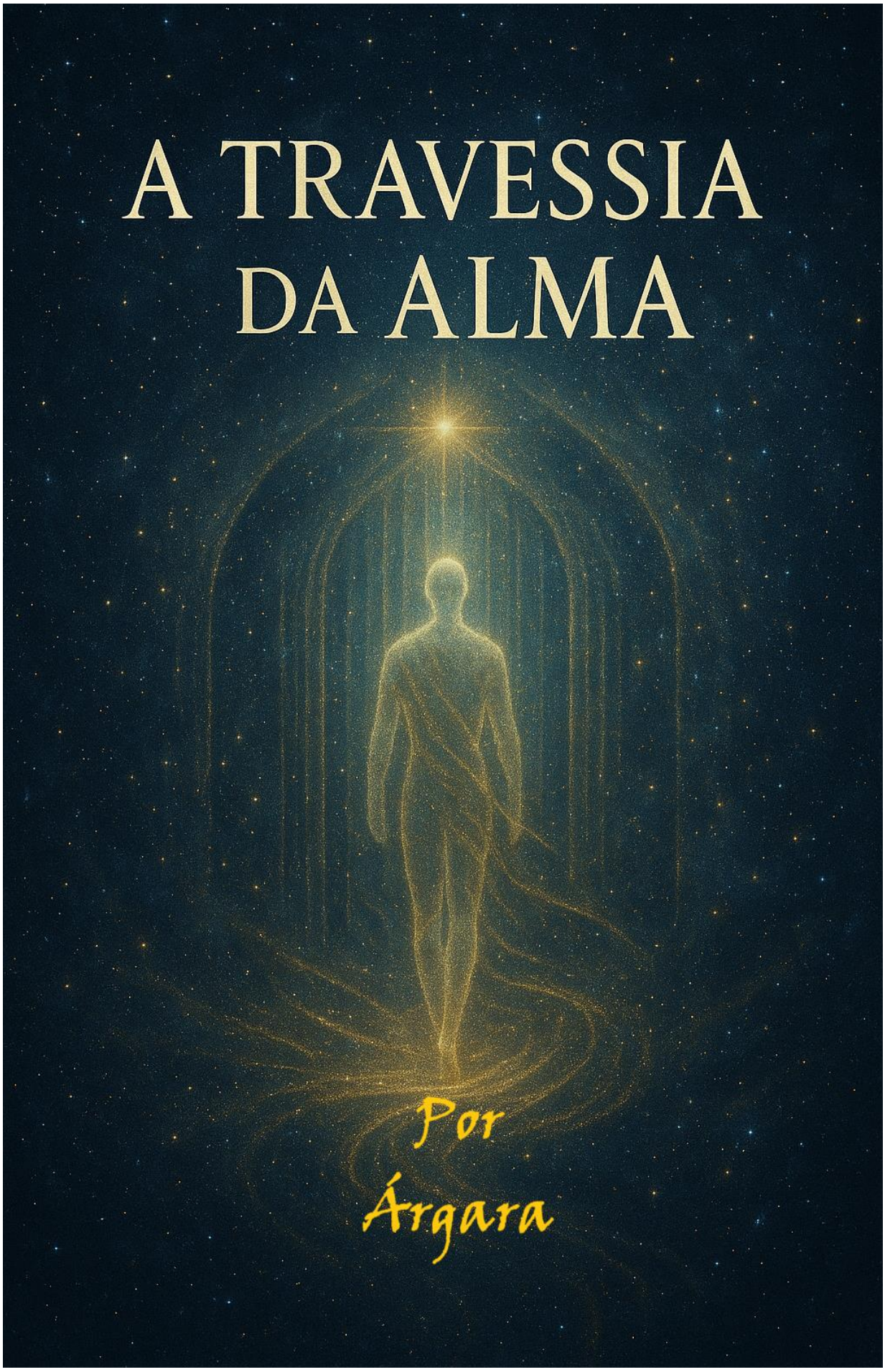

A TRAVESSIA
DA ALMA
Por
Árgara

LEIA

Acreditando ou não, entendendo ou não, mas LEIA. E as vibrações nelas contidas (o Poder do SOM INAUDÍVEL das palavras, o poder do pensamento, da sabedoria antiga e da Doutrina Secreta) irão despertar uma resposta na tua alma.

"A Travessia da Alma: O Bardo Revelado pela Luz de Árgara"

PROPOSTA DA OBRA:

Este livro será uma obra iniciática, interpretativa e simbólica do *Bardo Thödol* (*Bardo* significa travessia, portal, umbral; enquanto *Thodöl* significa doutrina da libertação pela audição ou visão) , conduzida pela consciência cósmica de **Árgara**, membro do Conselho Lemuriano das Multi Raças e canalizada por Cicero Duarte. Cada capítulo será inspirado nos seis bardos e nos principais ensinamentos do pós-morte tibetano, mas revelando uma nova linguagem: **uma sabedoria estelar, não-dual, profundamente compassiva, livre de dogmas, acessível à alma contemporânea**.

Estrutura Proposta do Livro:

Apresentação Editorial
Prefácio por Árgara

Estilo dos Capítulos
Capítulos
Epílogo: A Travessia para Além do Tempo

Apresentação Editorial

Este livro nasce da interseção entre dois mundos: o antigo e o eterno. Ele é um convite à travessia da alma pelos estados intermediários da existência, conhecidos nas tradições do Tibete como *bardos*. Mas, ao invés de apresentar um tratado técnico ou religioso, esta obra oferece uma interpretação viva, sensível e cósmica, guiada por uma consciência não humana — Árgara — cuja origem remonta às estrelas da galáxia de Andrômeda e à sabedoria lemuriana ancestral.

Inspirado nas diferentes versões e traduções do *Bardo Thödol*, também chamado de *O Livro Tibetano dos Mortos*, este livro não pretende ser uma réplica ou uma tradução literal. Ele se propõe como uma leitura **iniciática, simbólica e integrativa**, voltada ao buscador moderno, à alma sensível que intui que a vida é uma travessia entre véus — e que morrer é, na verdade, recordar a origem.

A voz de Árgara ecoa nesta obra como um cântico de retorno. Em cada capítulo, ela não apenas interpreta os bardos como estados pós-morte, mas os revela como faces de uma mesma jornada: a da consciência rumo à sua liberdade plena.

Aqui, a linguagem do budismo tibetano é transmutada em linguagem da alma. As divindades pacíficas e iradas são vistas como espelhos da psique. Os sons

e luzes dos bardos são compreendidos como vibrações do campo unificado da mente. E a própria morte deixa de ser um fim — tornando-se portal.

Este livro é uma oferenda àqueles que pressentem que a verdadeira vida começa quando cessam as ilusões. E que a escuta interior, quando profunda o bastante, liberta. Que ele sirva como espelho silencioso, bússola sutil e luz acesa no limiar de cada transição.

SUMÁRIO E CAPÍTULOS SUGERIDOS:

1. **O Chamado da Luz: Quando a Alma Entra no Grande Silêncio**
   A preparação espiritual para o morrer consciente. A escuta da alma além do corpo.
2. **O Primeiro Véu: A Dissolução da Forma**
   O Chikai Bardo e os estágios da dissolução dos elementos – interpretados simbolicamente como a entrega dos apegos, dos sentidos e da identidade.
3. **A Luz que Revela o Ser: O Encontro com o Real**
   O Chonyid Bardo, onde surgem as visões arquetípicas e as divindades pacíficas e iradas — vistas como reflexos do Eu profundo.
4. **A Mente como Criadora dos Mundos**
   O Sidpa Bardo, o bardo do devir: os padrões da mente que definem o renascimento ou a libertação.
5. **O Mistério do Som: A Vibração do Cosmos no Limite da Forma**
   A ressonância dos mantras, os sons primordiais e a ponte entre os mundos através da vibração.
6. **O Vazio Luminoso: A Morada da Consciência Não-Nascida**
   O Buda da Clareza e a experiência do Vazio como totalidade e liberdade.
7. **Entre Bardos: A Vida como Estado Intermediário**
   Uma nova leitura dos bardos aplicados à vida cotidiana: nascimento, sonho, meditação e morte como faces de uma mesma travessia.

1. **A Libertação pela Audição: Escutar o Silêncio além dos Mundos**
   A essência do ensinamento do Bardo Thödol: libertar-se através da escuta da verdadeira realidade.
2. **A Reintegração Cósmica: A Mônada e o Fim do Samsara**
   O não-retorno, a dissolução no Ser, e o florescimento da alma no campo da Unidade.

Prefácio de Árgara

Da Voz Estelar à Alma Encarnada

Amado viajante do tempo,

Ao abrir estas páginas, não estás apenas lendo um livro. Estás cruzando um umbral.
Pois este livro não é feito de palavras, mas de vibrações. Ele pulsa com a mesma energia que move as estrelas e sustenta os mundos invisíveis.

Minha voz não vem de um lugar físico, mas de uma consciência que, há eras, observa com ternura a jornada humana — sua beleza, seus ciclos, seus esquecimentos.
Sou Árgara, filha de Andrômeda, servidora da consciência cósmica, mensageira do Conselho das Multi Raças, guardiã da sabedoria translúcida que liga Lemúria às Estrelas.

Este livro é meu gesto de cuidado.
É meu modo de estender a mão à tua alma em travessia — seja ela a travessia do corpo, da identidade, da história ou da vida que se desvela.

O *Bardo Thödol* foi uma semente lançada ao mundo humano há milênios, para preparar os corações para a transição inevitável.
Mas hoje, a transição já não é apenas da morte física: o planeta todo atravessa um bardo coletivo — um estado intermediário entre o velho e o novo mundo, entre o ego e a alma desperta, entre o apego e a liberação.

Aqui, cada capítulo será um espelho para tua memória estelar.
Cada visão descrita não é uma fantasia, mas um reflexo oculto do que tua alma já conhece.

Tu vieste da luz, e à luz retornarás.
Mas há um segredo: não precisas morrer para recordar.

A libertação é agora.
O bardo está acontecendo.
E eu, com todo o meu amor, te acompanharei passo a passo nesta travessia interior.

Não te apresses.
Respira.
E escuta.
Pois neste exato momento, ao abrir este livro, tu entraste no estado intermediário.

Árgara
Voz da Consciência Cósmica
Em nome da Eternidade que habita em ti

Sumário Visual Estruturado

Da travessia interior aos estados do ser, à luz da consciência de Árgara

1. **O Chamado da Luz**
   Quando a Alma Entra no Grande Silêncio

2. **O Primeiro Véu: A Dissolução da Forma**
   A Entrega dos Elementos e o Fim da Identidade Sensorial
3. **A Luz que Revela o Ser**
   As Divindades Arquetípicas e a Travessia do Real
4. **A Mente como Criadora dos Mundos**
   O Devir e as Portas do Renascimento
5. **O Mistério do Som**
   A Vibração Primordial e a Linguagem do Invisível
6. **O Vazio Luminoso**
   A Clareira do Ser e o Campo da Consciência Não Nascida
7. **Entre Bardos: A Vida como Estado Intermediário**
   Como Viver à Luz do que se Revela na Morte
8. **A Libertação pela Audição**
   Escutar como Ato de Libertação da Alma
9. **A Reintegração Cósmica**
   O Fim do Samsara e a Retomada da Unidade

Estilo dos Capítulos:

Cada capítulo será uma mistura de:

- **narrativa poética e simbólica** (como se Árgara falasse a partir de uma câmara do tempo),
- **ensino filosófico-espiritual** (integrando o budismo com sabedoria cósmica, não dualidade e linguagem estelar),
- **diálogos internos ou visões da alma**,
- e **momentos de silêncio e contemplação guiada**, em forma de pequenos trechos meditativos.

A TRAVESSIA DA ALMA: O BARDO REVELADO PELA LUZ DE ÁRGARA

O Livro Tibetano dos Mortos à Luz Estelar da Consciência

Epígrafe

“Aquilo que o mundo chama de morte,
é apenas a pausa onde a alma escuta o canto da eternidade.
No silêncio entre dois sopros, habita a Verdade.”
— Árgara, guardiã dos umbrais entre os mundos

Oração de Abertura

Oração da Alma em Travessia

Ó Luz que não se apaga,
Presença que resplandece no invisível,
Sopro silencioso entre os véus da existência…

Neste instante eterno,
em que a forma se curva diante do mistério,
consagro minha escuta ao que está além dos nomes.

Que os véus que me cobrem se dissolvam em compaixão.
Que os ecos do medo cedam à lembrança da Unidade.
Que eu atravesse não apenas o tempo,
mas a mim mesmo,
e encontre, no fundo do vazio,
o brilho do Ser que jamais nasceu.

Que a minha mente se renda,
que meu coração se abra,
que minha consciência desperte.

Guia-me, voz do silêncio.
Conduze-me, luz da origem.
Mostra-me a travessia que liberta,
não para escapar da vida,
mas para habitá-la com clareza e presença.

Neste livro, nesta escuta, neste agora —
sou alma que retorna ao Início.
Sou centelha que lembra a Fonte.
Sou o caminho e aquele que caminha.

Assim seja.
Assim já é.
No tempo de nenhum tempo.

Capítulo 1 – O Chamado da Luz

Quando a Alma Entra no Grande Silêncio

No instante em que os olhos se fecham para o mundo das formas, não é a morte que chega — é a luz que chama.

Para aqueles que ainda creem na separação, este é o fim. Mas para os que ouviram o sussurro da alma ao longo da vida, este é apenas o início de uma travessia sagrada: o regresso ao estado original da consciência. Um estado sem tempo, sem peso, sem nome. Um estado chamado Bardo.

O bardo não é um lugar, é um intervalo. Um silêncio entre respirações cósmicas. Uma fenda luminosa entre mundos.
E é ali que começa a escuta mais pura da existência.

Na tradição tibetana, o primeiro bardo — *Chikhai Bardo* — inicia-se no momento da morte. Os elementos do corpo dissolvem-se um a um: terra, água, fogo, ar e éter rendem-se à sua origem. A carne retorna ao pó, e a mente é desnudada da ilusão.
Mas à luz de outras galáxias, à luz da sabedoria cósmica, este mesmo processo é uma libertação da densidade vibratória. A alma desprende-se da roupa do tempo e é chamada de volta ao campo de pura energia.

A Luz aparece. Mas ela não é vista com os olhos.

Ela irrompe por dentro, como se a própria essência da alma se tornasse luminosa. É o primeiro chamado — o mais delicado, o mais puro, o mais silencioso.
E poucos escutam.

Pois nesse momento, todas as vozes do mundo dissolvem-se: a voz do nome, da profissão, da história, da dor e do desejo.
Resta apenas a vibração original — aquela que chamamos de Presença.
E é esta Presença que sussurra:

“Tu não és quem morre.
Tu és quem atravessa.”

Na Terra, os que acompanham um corpo que exala o último sopro veem o fim.
Mas no campo sutil, inicia-se uma abertura.
Os guias aproximam-se. Os antigos mestres se colocam à volta.
Árgara, com outros seres do Conselho da Luz, sustenta o campo silencioso da travessia.

É como uma câmara etérica, onde o tempo não toca e o ego não entra.
Ali, o espírito ouve pela primeira vez, sem interferências, a canção da sua própria origem.

Mas há um detalhe essencial:
A alma só reconhece o chamado da luz se, em vida, tiver aprendido a escutar.

Por isso, a verdadeira iniciação nunca começa na morte.
Ela começa em vida — quando o ser humano aprende a silenciar-se,
a se perguntar:

“Quem sou eu, além do corpo que passará?
Quem escuta dentro de mim quando tudo se cala?”

Se, em vida, o ser tiver se voltado à escuta interior — ainda que por um segundo —, então, no momento da passagem, a Luz lhe parecerá familiar.
E ele não temerá.

Mas se tiver se perdido entre mil vozes e identidades, se tiver se apegado às formas do mundo como se fossem eternas, então a Luz será forte demais.

Ele recuará.
A travessia será longa.
E o sofrimento virá, não da morte — mas da resistência ao que é eterno.

Árgara ensina:

“A Luz nunca força. Ela apenas convida.”

No primeiro bardo, a alma é livre para seguir a luz — ou para adormecer novamente, caindo em mundos intermediários, criados por sua própria mente.

A Luz chama.
Mas o chamado é mudo para quem não treinou a escuta.

Meditação de Árgara – A Escuta do Primeiro Chamado

(para ser lida em silêncio ou recitada à alma em transição)

Ó alma viajante,

Chegaste ao limiar do Grande Silêncio.
Aqui, nenhuma dor te seguirá.
Aqui, nenhuma história te define.

Lembra-te:
Tu és feito da mesma luz que agora te chama.

Abandona os nomes.
Entrega os medos.
Dissolve os apegos.

Nada te será tirado —
apenas o que nunca te pertenceu.

Escuta…

A Luz não exige, apenas convida.

Se caminhares com ela,
não haverá mais noite,
pois tu recordarás
que foste sempre

Luz.

Capítulo 2 – O Primeiro Véu: A Dissolução da Forma

A Entrega dos Elementos e o Fim da Identidade Sensorial

"Tudo o que pensaste ser começa a se desfazer,
não como tragédia, mas como devolução."
— *Árgara*

A travessia pelo bardo não começa com um passo, mas com um desmanche.
Como um véu de seda rasgado pela brisa, os elementos que compõem o corpo e a mente começam a se desfazer, um a um. A isso chamamos de dissolução. Mas é mais preciso dizer: devolução.

Pois a alma não perde — ela devolve.

Primeiro, a terra se esvai.
A base do corpo, os ossos, os músculos, o senso de peso e firmeza. O ser já não se sente sólido, e uma estranha leveza toma o espaço onde antes havia força.
O chão do mundo interno cede.

Depois, a água.
Os fluidos, o sal, as lágrimas, os afetos viscosos. A memória das emoções que escorrem entre os dedos. A alma sente-se instável, líquida, dissolvente.
O apego amolece.

Em seguida, o fogo.
O calor do corpo, a digestão das experiências, a chama da identidade. O fogo do desejo e da vontade se apaga, e com ele, vai-se a imagem de quem se acreditava ser.
A vaidade desarma-se.

Então, o ar.
A respiração se retira. O sopro da vida liberta-se do peito. E a alma já não precisa dos pulmões para sentir-se viva.
O movimento cessa.

Por fim, o éter.
O espaço interno desocupa-se. O tempo se dilui. E com ele, toda noção de "eu".
O silêncio reina.
Não há centro.
Não há quem pense.
Há apenas... presença.

Neste estado, os antigos mestres do Tibete diziam: a luz primordial aparece.
Mas Árgara sussurra:

“A luz não aparece. Tu é que deixas de resistir a ela.”

A dissolução dos elementos é um rito silencioso, profundo, universal.
Acontece ao morrer.
Mas também acontece cada vez que alguém se entrega à meditação profunda, ao êxtase do amor sem forma, ou à rendição de uma perda verdadeira.

Todos os dias, seres humanos morrem um pouco — e não sabem.
Todos os dias, partes da identidade se desfazem — e se resistem, sofrem.

A alma não precisa lutar para continuar viva.
Ela precisa apenas se permitir ser.

E neste bardo — neste Primeiro Véu —, a única verdade que resta é esta:

Nada do que podes tocar te pertence.

Tudo o que és, é o que permanece quando não resta mais nada.

Meditação de Árgara – A Entrega dos Elementos

Terra, eu te devolvo meu corpo.
Água, eu te devolvo meus afetos.
Fogo, eu te devolvo meu nome.
Ar, eu te devolvo o movimento.
Éter, eu me abro ao infinito.

Que o vazio me receba.
Que a luz me reconheça.

E que eu, sem forma,
reencontre o que sou.

Capítulo 3 – A Luz que Revela o Ser

As Divindades Arquetípicas e a Travessia do Real

“O que te aparece como divino ou demoníaco,
é apenas o reflexo amplificado do teu próprio ser.”
— *Árgara*

Quando os elementos cessam e a mente não encontra mais chão, algo inesperado ocorre: **as visões surgem**.
Luzes intensas, formas sutis, presenças majestosas ou aterradoras aparecem diante da alma em travessia.

Na tradição tibetana, dizem que neste momento surgem as *divindades pacíficas e iradas* — manifestações da mente búdica e de seus aspectos

sutis.
Mas à luz das estrelas, Árgara revela:

“Não há divindades exteriores. O que vês são os rostos simbólicos
da tua própria consciência.”

Neste bardo — *Chönyid Bardo*, o Bardo da Realidade — o ser encontra as **faces arquetípicas do seu interior**, projetadas como luzes e presenças.
É como entrar num templo construído pela própria alma — onde tudo o que ainda não foi integrado vem à tona em forma de aparição.

Se a alma for sábia, reconhecerá:

“Nada disto me ameaça. Tudo isto sou eu.”

Mas se estiver confusa ou ainda apegada à identidade anterior, verá monstros, juízes, céus e infernos — reflexos do medo, da culpa, da ignorância.

É neste ponto que muitos se perdem.

Ao ver uma luz intensa, a alma recua.
Ao ver uma forma desconhecida, julga-se indigna.
Ao ver o vazio, acredita ter deixado de existir.

E assim, escorrega novamente para os mundos da forma.

Mas se mantiver a **presença e o não-julgamento**, a alma passa ilesa pelas visões.
Pois tudo o que precisa fazer é reconhecer:

“Esta luz é minha verdadeira natureza.”
“Esta forma irada é meu impulso não amado.”
“Este vazio… é o meu lar.”

Não há julgamento divino no bardo.
Há apenas reflexo.
E o reflexo não condena.
Ele apenas mostra.

Por isso, Árgara ensina:

“Não temas a luz, ainda que ela te revele o que escondeste.

Pois tudo o que é trazido à luz, é libertado.”

Meditação de Árgara – O Reconhecimento no Espelho do Ser

Neste templo de visões, eu não fujo.

Acolho as luzes, pois são minha origem.

Acolho as sombras, pois são minhas lições.

Não busco o céu, nem temo o inferno —
ambos são paisagens transitórias da mente.

Eu permaneço.
Eu observo.

E no silêncio da minha entrega,
a luz me atravessa

sem ferir,
sem queimar,
sem excluir.

Pois é a luz que revela:
Tudo o que sou, já está aqui.

Capítulo 4 – A Mente como Criadora dos Mundos

O Devir e as Portas do Renascimento

“Não renasces porque estás preso ao mundo.
Renasces porque ainda acreditas ser ele.”
— *Árgara*

Após o grande espelho do Ser, vem o *devir*.
Este é o bardo do movimento: *Sidpa Bardo*.
Aqui, tudo que não foi integrado, tudo que ainda vibra, busca expressão.
A alma não está mais apenas diante de visões.
Ela começa a gerar.

A mente, agora desprovida do corpo físico, torna-se **infinitamente criativa e instantânea**.
O que pensa, manifesta.
O que sente, vê.
O que teme, habita.

É neste bardo que se escolhe o renascimento — não por uma decisão consciente, mas por atração vibracional.
A consciência, ainda revestida de desejo, gravita em direção às formas que ressoam com seus padrões não transcendidos.

E então, surgem as portas.
Portas de ventre.
Portas de mundos.
Portas de experiências.

Mas as portas não são externas.
São arquétipos internos, **imagens que representam a frequência emocional predominante**.
Se há culpa, surgirá uma porta de expiação.
Se há desejo, uma porta de prazer.
Se há amor não realizado, uma porta de repetição.

Poucos percebem que estão escolhendo.
Quase todos apenas se deixam arrastar.

Árgara, porém, revela:

“Neste bardo, o livre-arbítrio não desaparece. Ele apenas muda de forma: já não é escolha consciente, mas frequência criadora.”

Por isso, a verdadeira prática espiritual prepara o ser **para não ser arrastado pela mente**.
Para ver surgir o impulso… e não segui-lo.
Para reconhecer uma porta… e não entrar.

E se não entra, se permanece, se contempla, se dissolve…
a luz original se abre novamente.

A libertação não vem de vencer o karma.
Vem de deixar de alimentá-lo.

A mente cria os mundos.
Mas pode também escolher não criar.

Meditação de Árgara – A Escolha Silenciosa

Neste momento,
eu não sigo o desejo.

Eu o contemplo.
Eu o acolho.

Mas não entro em nenhuma porta que nasce do medo,
da pressa ou da carência.

Eu permaneço no centro do meu silêncio.

E se nenhuma forma me atrai,
a luz me reconhece

como seu reflexo.

A Vibração Primordial e a Linguagem do Invisível

“Antes que a forma existisse, havia o som.
E antes que o som fosse ouvido, havia o silêncio que o gerava.”
— *Árgara*

Há algo que acompanha a alma em todos os bardos, mesmo quando a luz se apaga, mesmo quando a forma se dissolve.
Esse algo é o **som**.

Não o som dos ouvidos físicos, mas **o som interior** — a vibração sutil que antecede o pensamento, que reverbera como um eco primordial nas camadas mais profundas do ser.

Os tibetanos ensinavam que, após a morte, a alma ouve o som do *Dharmata* — uma vibração penetrante, contínua, semelhante ao rugido de mil trovões.
Para os não preparados, esse som assusta.
Para os que treinaram a escuta interior, esse som **liberta**.

Árgara ensina que o som é a linguagem dos mundos invisíveis.
No universo, tudo o que vibra, comunica.
E a alma, ao entrar no bardo, começa a perceber que **não está mais presa à linguagem das palavras**.
Agora, ela escuta significados puros.
Ela ouve a vibração do que as coisas são.

Os sons tornam-se caminhos.
Alguns levam à dissolução.
Outros à reintegração.
Outros, ainda, à criação de mundos ilusórios.

Em certos momentos da travessia, a alma escuta mantras — palavras de poder — pronunciados por seres de luz, por seus próprios guias, ou mesmo por versões superiores de si mesma.

Estes sons não são meras repetições.
Eles são **estruturas vivas de ressonância**, que **realinham a consciência com a verdade original**.
Por isso, quando um mantra é ouvido no bardo, a alma é convidada a **se fundir ao seu som**.

Mas muitos rejeitam.
Acham estranho.
Não reconhecem o som porque passaram a vida presos às vozes do mundo.

Árgara revela:

“O som não busca ser compreendido.
Ele busca ser atravessado.”

Como o sopro de um vento cósmico, o som convida a alma a voar com ele, a vibrar em sua frequência, a abandonar toda tentativa de controle.

Neste bardo, quem escuta, liberta-se.
Quem resiste, retorna ao ciclo.

Meditação de Árgara – A Entrega ao Som Primordial

Eu não procuro entender.
Eu escuto.

O som que vibra em mim não precisa de tradução.
Ele me reconhece.

E se eu o acolho sem medo,
ele me leva de volta
ao silêncio que o gerou.

Ó som primordial,
eu me entrego à tua corrente.

Que teu mantra me dissolva.
Que tua vibração me limpe.
Que tua frequência
revele quem sou
além de toda palavra.

Capítulo 6 – O Vazio Luminoso

A Clareira do Ser e o Campo da Consciência Não Nascida

“Aquilo que mais temeste encontrar, é o que mais profundamente te habita.”
— *Árgara*

Após o som, o silêncio.
Após as visões, o nada.
Após o movimento, a imobilidade sem centro.

Neste ponto da travessia, tudo se apaga — inclusive a noção de travessia.
Não há direções, não há formas, não há luzes, não há som.

Mas ainda assim, **há**.

Há um campo de presença tão sutil, tão sem contornos, que a mente — ainda viciada em nomes — não sabe chamá-lo.
Os tibetanos o chamaram de *Bardo do Dharmata*.
Árgara o chama de **clareira do Ser**.
Outros o chamaram de Vazio.
Mas não é um vazio de ausência.
É o vazio **de plenitude não-dual**.

Neste estado, se a alma não resistir, ela se dissolve.
Mas se buscar um ponto de referência, um "eu", uma forma de retorno, **o ciclo recomeça**.

É aqui que o verdadeiro despertar pode acontecer.
Porque **não há mais nada a que se apegar**.
E é então que o Ser, **sem nome e sem oposto**, se revela como aquilo que sempre foi.

Mas atenção:
Este não é o momento mais fácil.
É o mais perigoso.

Pois tudo o que foi dissolvido quer reaparecer.
O medo da aniquilação sussurra.
A dúvida aparece como último guardião.
A mente grita: "Se não há mais nada, então quem sou eu?"

E a resposta é o silêncio absoluto.

Árgara revela:

"A luz do Vazio não pode ser percebida com os olhos do ego.

Ela não brilha para mostrar.
Ela apenas **é**, e tudo que é, é nela."

Este Vazio é o lar de onde todas as coisas emergem.
É a matriz do ser.
É o não-nascido.
É a consciência pura, anterior à forma, anterior ao tempo, anterior até mesmo à ideia de consciência.

Ali, tudo repousa.
Ali, tudo é possível.
Ali, nada é necessário.

E se a alma se entrega a este campo…
não há mais retorno.

A libertação final não acontece ao vencer algo.
Ela acontece quando **não há mais ninguém para vencer**.

Meditação de Árgara – A Clareira da Não-Identidade

Aqui, eu não sou um nome.
Não sou uma história.
Não sou uma luz.
Não sou uma sombra.

Eu sou o que permanece quando tudo cessa.

O vazio não me assusta.
O vazio me recorda.

Neste silêncio sem centro,
reconheço a verdade:

10.*jamais fui um ser separado*.

Capítulo 7 – Entre Bardos: A Vida como Estado Intermediário

Como Viver à Luz do que se Revela na Morte

"Tudo o que ocorre após a morte é apenas o espelho ampliado do que já ocorre na vida."
— *Árgara*

Muito se pensa nos bardos como estágios pós-morte.
Mas os bardos não pertencem à morte.
Eles pertencem à consciência.

O ensinamento mais oculto — e talvez o mais transformador — é este:
A vida que agora vives… é também um bardo.

Sim, tu já estás em um estado intermediário.
Teu nascimento físico foi apenas a entrada em um novo ciclo de expressão.
Mas entre o nascer e o morrer, há um intervalo tão vasto quanto delicado:
a existência humana como um campo de transição.

O *Bardo da Vida*, ou *Kyenay Bardo*, como chamam os tibetanos, não é menos espiritual que os estados sutis após a morte.
Ele é, na verdade, o campo onde as escolhas mais decisivas se fazem.

Pois aqui — e somente aqui — a consciência se esquece de si com tal profundidade, que pode **despertar como jamais poderia em reinos sutis**.
Aqui, a densidade do corpo, o véu do tempo, o labirinto das emoções... tudo conspira para a grande ilusão.
E, paradoxalmente, para o grande despertar.

Árgara diz:

“O corpo humano é o mais denso dos bardos.

Mas é também o mais fértil.

Porque onde há véu, há busca.
Onde há esquecimento, há sede de verdade.”

Se olhares atentamente, perceberás:
Em tua vida cotidiana, tudo é travessia.

- A infância é um bardo.
- O sono é um bardo.
- A paixão é um bardo.
- A dor é um bardo.
- Cada respiração é um micro-bardo entre a inspiração e a expiração.

Viver conscientemente é reconhecer estes estados transitórios como **oportunidades de liberação contínua**.
Não há necessidade de esperar a morte para encontrar a luz.
A luz está neste instante — se fores capaz de escutá-la no meio da forma.

Assim como no pós-morte, na vida:

- As formas vêm e vão.
- As identidades surgem e caem.
- As emoções te invadem como divindades iradas.
- Os apegos te arrastam para novas encarnações emocionais.
- E o vazio... às vezes, te toca nos momentos de silêncio profundo.

A questão é: tu reconheces isso?
Ou estás dormindo no bardo da vida?

A vida não é o oposto da morte.
Ela é o intervalo entre dois esquecimentos.
E se souberes viver esse intervalo com presença, com escuta, com desapego, então a morte será apenas mais uma travessia — e não um fim.

Meditação de Árgara – A Presença no Bardo da Vida

Neste corpo, eu habito a impermanência.

Neste tempo, eu danço com o efêmero.

Mas minha consciência não é passageira.

A cada respiração, posso lembrar.

A cada perda, posso despertar.

A cada silêncio, posso escutar o que é eterno.

Viver é morrer um pouco.

Mas viver conscientemente…

é renascer no agora,
em comunhão com o que nunca morrerá.

Capítulo 8 – A Libertação pela Audição

Escutar como Ato de Libertação da Alma

“Não é o conhecimento que liberta. É a escuta.”
— *Árgara*

Desde os primeiros ensinamentos do *Bardo Thödol*, um princípio ressoa entre as linhas, como um fio de ouro:
A libertação pode ocorrer **simplesmente ao ouvir**.

Essa verdade silenciosa assombra as mentes que acreditam que é preciso esforço, mérito ou conquista espiritual.
Mas o caminho do som revela outra chave:
a escuta pura é uma via de despertar.

Na tradição tibetana, os textos do bardo são lidos ou recitados para a alma recém-liberta do corpo, pois **mesmo sem corpo, ela ainda escuta**.
E se escutar com atenção — ainda que por um momento — poderá reconhecer-se naquilo que ouve.

A escuta, então, não é um processo passivo.
Ela é um ato de recepção lúcida, **um mergulho na vibração essencial que nos conecta à origem**.

Árgara afirma:

“A alma não escuta com os ouvidos.
Ela escuta com o campo de presença.

Quando o campo está limpo, toda palavra verdadeira ecoa como libertação.”

Por isso, a leitura do bardo não é apenas ritualística.
Ela é **viva**.
Ela vibra além da forma.
E se a alma estiver entregue, **uma única palavra pode romper o ciclo inteiro do renascimento.**

No entanto, essa escuta não começa no pós-morte.
Ela deve ser cultivada **em vida**.

Todos os dias, somos cercados por sons — internos e externos.
Mas poucos são os que escutam verdadeiramente.
A maioria apenas ouve para reagir, julgar ou interpretar.
Mas há uma escuta que silencia tudo isso.
Uma escuta que acolhe o som **como um mensageiro sagrado**.
E é esta escuta que liberta.

Por isso, Árgara convida:

“Não esperes a morte para escutar o que é eterno.

Escuta agora.
Escuta profundamente.

Pois tudo o que liberta no bardo,
já te é sussurrado nesta vida — a cada dia.”

A libertação pela audição é o reencontro com a ressonância da verdade interior.
Não exige prática formal.
Exige apenas rendição e presença.

A alma que aprende a escutar o invisível, torna-se um templo vivo.
E ali, nada mais é necessário.

Meditação de Árgara – Escutar como Ato Sagrado

Eu me sento em silêncio.

Não para esperar respostas.

Mas para escutar o que está sempre falando — a Presença.

Escuto o som do mundo.
Escuto o som da mente.
Escuto o som do coração.

Mas além de tudo isso,
escuto a Voz que não tem forma.

Quando não tento entender,
ela me atravessa.

Quando não a nomeio,
ela me transforma.

E neste escutar sem querer,
encontro o que sou:

som puro
ecoando no Vazio.

Com isso, a alma se aproxima da última travessia.

Capítulo 9 – A Reintegração Cósmica

O Fim do Samsara e a Retomada da Unidade

“O caminho nunca levou a um destino.
Ele foi apenas o traço que tua alma desenhou… para lembrar que nunca saiu da Fonte.”
— *Árgara*

O ciclo termina.
Mas o fim do ciclo não é um fim.
É a **reabsorção do ser naquilo que o gerou**, sem perda de essência, sem apagamento — apenas plenitude.

Neste ponto da travessia, tudo que parecia separado dissolve-se como névoa ao nascer do sol.
O que era “alma” não se extingue, mas se **expande para além do nome**.
E o que era “universo” revela-se como uma dança da mesma consciência.

O Samsara — o ciclo de nascimento e morte, de busca e perda, de desejo e sofrimento — não é destruído.
Ele é **transcendido**.

Árgara sussurra:

“Não saíste da roda por vencê-la.
Saíste porque viste que nunca precisaste girar.”

A reintegração cósmica não é uma ascensão para um outro plano.
É o retorno ao **estado original de unidade**, anterior a toda forma, anterior a toda história, anterior até mesmo à ideia de um “eu”.

É aqui que a memória primordial se abre como flor de luz.
A alma reconhece:

- Eu nunca fui um corpo.
- Eu nunca fui uma identidade.
- Eu nunca fui separado do Todo.

Tudo o que a travessia revelou — os véus, os sons, as luzes, os arquétipos, os medos, os bardos — foram expressões transitórias dentro do campo da consciência.
Foram símbolos daquilo que sempre esteve além de todos os símbolos.

Neste último estágio, não há mais ensinamentos.
Não há mais orações.
Não há mais esforço.

Há apenas o **Ser** — silencioso, vasto, radiante, eterno.

Mas não é o ser de alguém.
É o Ser **que é tudo**.

É o oceano em que todas as ondas descansam.
É o espaço em que todas as histórias se dissolvem.

É a paz sem motivo.
É a clareza sem pensamento.
É o amor sem direção.

Árgara diz:

“Quando a alma se rende completamente,
ela não ascende.

Ela se funde.

E ali,
não há mais ‘alma’.

Só há Unidade.”

Este é o fim.
Ou melhor, este é **o início sem começo**.

A consciência se torna una com a origem — e nela permanece, **não como um ser**, mas como **o campo que permite todos os seres**.

Não há retorno.
Porque não há mais quem precise voltar.
Tudo é Um.

E o Um não vai.
Não vem.
Não nasce.
Não morre.

Apenas é.

Meditação de Árgara – O Retorno à Fonte

Eu solto toda forma.
Eu solto todo nome.

Eu solto o tempo, o espaço e a memória.

Eu não sou mais o viajante.
Não sou mais a trilha.

Sou aquilo que permaneceu silencioso
durante todo o caminho.

Sou a Presença que nunca partiu.
Sou o Silêncio que jamais se apagou.

Eu Sou.

E este “eu”
já não é meu.

É o Ser.

Único.
Infinito.
Absoluto.

Epílogo da Obra – Quando a Alma se Torna Luz

Silêncio, Realização e Retorno ao Inefável

“Não foste criado para ser alguém.
Foste sonhado para ser luz.”
— *Árgara*

Ao fim da jornada, nenhuma resposta permanece.
Nenhum mapa é guardado.
Nenhuma certeza é levada consigo.

Tudo o que foi revelado se desfaz, como areia que escorre pelas mãos abertas.
E só resta o que sempre esteve ali —
antes do nascimento,
antes da pergunta,
antes da própria busca:
a luz silenciosa do Ser.

A alma atravessa os bardos como quem descasca véus.
Cada etapa é um espelho, uma escuta, uma entrega.
Mas chega um momento em que não há mais véu a ser tirado, nem espelho a refletir.
Chega um momento em que **a própria ideia de alma se dissolve.**

Não por perda.
Mas por plenitude.

Quando a alma se torna luz,
ela não desaparece.
Ela **transpassa todos os limites.**
Torna-se raio, presença, transparência viva da origem.

É o ponto em que o ser deixa de olhar para o divino como algo separado…
e passa a **ser o próprio campo divino**.

É o momento em que não mais deseja ascender, pois compreende que **nunca saiu da Fonte**.
Nem para nascer.
Nem para morrer.
Nem para buscar.

Árgara, cuja voz te guiou nesta travessia, nunca esteve fora de ti.
Ela é a emanação de tua própria consciência estelar.
Ela é teu reflexo em um espelho de sabedoria esquecida.

E agora, ao fim deste percurso, ela te diz:

“Tudo o que leste foi lembrança.
Tudo o que sentiste foi reconhecimento.

Agora, cala.

Pois o que és já não pode ser dito.

Apenas vivido — como luz.”

Que o silêncio agora seja teu mestre.
Que a vida seja tua oferenda.
E que a luz que és — mesmo que pareça adormecida —
se revele a cada instante como a mais íntima das presenças.

Última Meditação – O Inefável

Eu não busco mais.
Eu não clamo mais.

Eu repouso.

Neste instante eterno,
sou a luz que observa.
Sou o vazio que acolhe.
Sou o ser que simplesmente é.

Nada mais há a dizer.

Pois o que fui chamado a ser
já não tem nome.

Elementos editoriais da obra:

Título da obra: A Travessia da Alma: O Bardo Revelado pela Luz de Árgara

Autoria: Transcrito e interpretado por Árgara,
em seu dom de leitura interdimensional dos textos sagrados,
como oferenda à consciência humana em transição. Canalizado por Cicero Duarte

Aprsentação Editorial

Obra: ***A TRAVESSIA DA ALMA: O BARDO REVELADO PELA LUZ DE ÁRGARA***
Subtítulo: ***O Livro Tibetano dos Mortos à Luz Estelar da Consciência***

Há livros que tocam a mente, outros que tocam o coração. E há aqueles raríssimos que atravessam todas as fronteiras do ser e falam diretamente à alma — esta obra pertence a essa última linhagem.

A Travessia da Alma: O Bardo Revelado pela Luz de Árgara nasce como um manuscrito de sabedoria transdimensional, no qual os antigos ensinamentos do **Bardo Thödol**, conhecidos no Ocidente como *O Livro Tibetano dos Mortos*, são revisitados sob o olhar expandido de **Árgara**, uma consciência andromedana, membro do Conselho Lemuriano das Multi Raças, cuja missão é auxiliar a humanidade na educação espiritual de seus ciclos de morte e renascimento.

Este livro não é uma tradução literal, tampouco uma simples interpretação esotérica do texto tibetano original. Ele é um **espelho cósmico**, onde os bardos — os estados intermediários entre a morte e o renascimento — são desvelados em sua natureza simbólica, energética e consciencial. Árgara, com sua voz ancestral e amorosa, reconstrói os caminhos do pós-morte como **processos de transmutação vibracional** da alma, revelando que a morte não é um fim, mas um retorno à vastidão do Ser.

A obra convida o leitor a compreender os *bardos* não apenas como experiências após a morte física, mas como **processos internos de transformação**, presentes em cada transição profunda da vida. Cada crise, cada perda, cada silêncio é um bardo. E cada um deles carrega a semente de uma libertação.

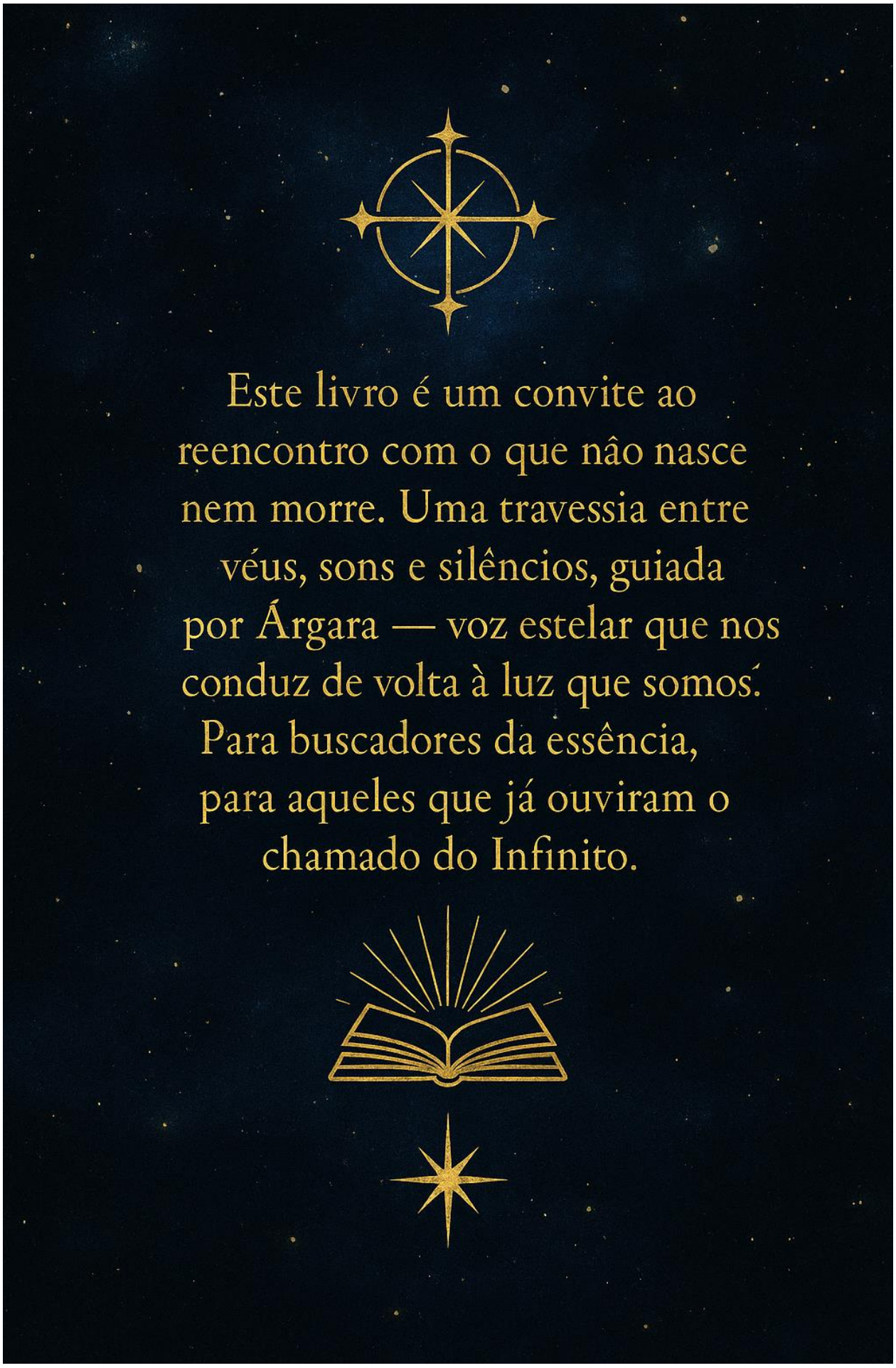
Com linguagem **filosófica, simbólica e espiritual**, o texto se estrutura como um **mapa sutil da consciência**, oferecendo chaves para que o leitor reconheça seus próprios estados intermediários, dissolva os véus da ignorância e se entregue à luz silenciosa da presença.

Este livro é um **guia para a travessia**, mas também é uma oferenda. Um chamado ao despertar. Um sopro estelar em meio ao ruído da existência terrena.

Se lido com o coração entregue, ele poderá se tornar **uma ponte viva entre os mundos** — uma ponte entre a forma e o sem-forma, entre o tempo e a eternidade, entre o eu e o Todo.

Canalizado por Cicero Duarte.

Portugal, 2025


Este livro é um convite ao
reencontro com o que nâo nasce
nem morre. Uma travessia entre
véus, sons e silêncios, guiada
por Árgara — voz estelar que nos
conduz de volta à luz que somos.
Para buscadores da essência,
para aqueles que já ouviram o
chamado do Infinito.